



DA VIVÊNCIA DA IMAGEM AO EXERCÍCIO DA CIDADANIA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO “IMAGEM CIDADÃ”

Camilo Lourenço Soares¹

Angélica de Oliveira Moraes²

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe relatar a experiência que tivemos desempenhando as funções de coordenação geral e coordenação pedagógica do curso *Imagem Cidadã*, que teve como objetivo introduzir a adolescentes e jovens distintas linguagens visuais como expressão artística e cidadã, além de apresentar a economia criativa como uma possibilidade de profissionalização.

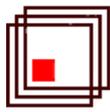
Decifrar o significado *das* imagens que recebemos diariamente por diversos meios, sobretudo pela *internet*, tornou-se uma habilidade fundamental para a cidadania do século XXI. Assim, familiarizar adolescentes e jovens com as expressões e potencialidades das artes visuais e do audiovisual e os estimular a se reconhecerem capazes de interpretar e produzir arte foi o principal objetivo do *Imagem Cidadã*, curso inteiramente gratuito realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro (CJC)³ entre setembro e novembro de 2022. Por meio da imagem, os jovens eram estimulados a refletir sobre suas vivências e espaços, reconhecendo a arte como instrumento de transformação social e expressão da realidade.

Através de facilitadores experientes em sua áreas de atuação, o curso *Imagem Cidadã* pretendeu mostrar igualmente que a economia criativa é também um caminho profissional possível, em um mercado de trabalho em

¹ Doutor pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Professor de Cinema e Audiovisual da UFPE e Coordenador Geral do Projeto “Imagem Cidadã”. E-mail: camilo.soares@ufpe.br

² Mestranda em Educação pelo PPGE/Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora Pedagógica do Projeto “Imagem Cidadã”. E-mail: angelicamoraes85@gmail.com

³ Fundado em 1979, O Centro Josué de Castro, sediado na cidade de Recife (PE), é uma associação civil que tem como missão participar da construção da democracia e contribuir para o fortalecimento da cidadania e preservação dos Direitos Humanos.



plena ascensão. Para tanto, múltiplas linguagens das artes visuais, assim como cinema e poesia performática foram apresentadas a 120 estudantes do ensino fundamental II e ensino médio de escolas públicas do Recife (PE), na faixa etária dos 13 aos 21 anos. Foram sete módulos de uma semana (dois encontros de três horas por turma) para quatro turmas, culminando com uma exposição dos trabalhos realizados durante as oficinas. O curso foi financiado com recursos do Ministério do Turismo, através de uma emenda parlamentar impositiva.

Recebemos o convite do Centro Josué de Castro para a realização de um projeto que trouxesse para os jovens novas possibilidades de capacitação que estimulasse o sentido lúdico e artístico deles através da imagem. Assim, através da abordagem de várias linguagens visuais, buscamos incentivar primeiramente o senso crítico desses jovens diante do mundo, introduzindo o que Jacques Rancière chama de *dissensus* para reconfigurar permanentemente o regime de percepção e significação e, assim, construir um processo de subjetivação política em *espectadores emancipados*: "na ação de capacidades nomeadas contadas que chegam a cindir a unidade do dado e a evidência do visível para desenhar uma nova topografia do possível." (Rancière,2012)

Para tanto, sete profissionais foram convidados para apresentar linguagens distintas, de maneira a desenvolver uma visão crítica sobre as imagens e apresentar suas potencialidades. Foram propostas as seguintes oficinas: História da Arte e Cidadania; Cinema: a relação entre a imagem, a cidade e a cidadania; *Internet* como instrumento social; Edição e finalização de vídeos; Fotografia e identidade; Quadrinhos da quebrada; Poética da cidade e performance visual; Multimídia 4.0 e Expografia criativa. As oficinas visaram oferecer uma formação que promovesse uma introdução de qualidade nesses campos, ao passo que fomentamos a formação técnica direcionada ao campo da economia criativa. Assim, a evocação teórica e prática das estéticas visuais desse curso buscou uma reflexão sobre o significado das imagens no entendimento da vida local: a representação do espaço, da comunidade e da cidade, além da vivência da cidade como expressão social e identidade.

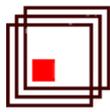


A VIVÊNCIA PEDAGÓGICA

Nas reuniões preparatórias com os facilitadores, frisamos que o intuito da formação consistiria, principalmente, no acolhimento, demonstrando respeito e empatia, e na oferta de experiências no campo da economia criativa. Realizamos um levantamento das escolas públicas presentes na Região Política Administrativa (RPA) adjacente ao Centro Josué de Castro, entre as Comunidades do Coque e dos Coelhos, com apoio da [por extenso] (COMPAZ) e Movimento Pró-Criança. As reuniões realizadas com as equipes das referidas instituições proporcionaram um panorama prévio do público alvo, cujo perfil majoritário era de adolescentes e jovens pertencentes a famílias de baixa renda, estudantes da rede pública de ensino e beneficiários de programas sociais.

Nas visitas às escolas, apresentamos a minuta do projeto aos gestores e coordenadores pedagógicos, que nos ajudaram na divulgação junto à comunidade escolar. Esses profissionais informaram o perfil do alunado, as dificuldades de alguns na volta às aulas depois da pandemia da Covid-19, além da situação de insegurança alimentar. Tivemos o cuidado de explicar o teor das oficinas para os jovens, enfatizando a experiência dos facilitadores e que consistia em uma atividade aberta a todos aqueles que tivessem interesse. Foram recebidas cerca de 180 inscrições, que superaram o número de vagas previsto inicialmente, que era de 120 vagas. Mesmo com uma taxa de desistência em torno de 20%, o curso foi iniciado com todas as vagas preenchidas.

Para a seleção dos monitores das oficinas, o critério básico foi ser estudante de nível superior, tecnólogo ou técnico, ter entre 18 e 27 anos e alguma experiência nas linguagens propostas pelo curso. A divulgação da seleção foi feita via redes sociais (*whatsapp* e *instagram*), resultando no recebimento de 49 cartas de intenção. Os dois monitores selecionados tiveram um papel importante na execução das oficinas, ajudando na articulação do dia-a-dia das aulas. As atividades da monitoria foram supervisionadas pela



coordenadora pedagógica, com a viabilização de enriquecedora troca de experiências.

Ao longo da execução do projeto, acompanhamos presencialmente as atividades junto aos facilitadores, monitores e alunos, buscando auxiliar ou resolver impasses ou imprevistos. Buscou-se seguir, como apontam Oliveira e Guimarães (2013), um dos papéis chaves da coordenação pedagógica: integrar todos no processo de ensino aprendizagem, afirmando o seu caráter articulador, formador, mediador e transformador da prática pedagógica.

Assim, as conversas com os alunos sobre suas expectativas e impressões em relação às oficinas foram de suma importância para que percebêssemos o nível de satisfação dos mesmos com relação às aulas, assim como dúvidas sobre o curso e sua culminância.

Um princípio que teve especial atenção no curso foi a inclusão dos estudantes, por exemplo, fazendo com que todos vivenciassem todas as práticas e experiências propiciadas.

Tivemos alunos com ansiedade, depressão, transtorno do espectro autista (TEA) que foram atenciosamente acompanhados. Alguns, chegaram com diagnósticos relatados por responsáveis e levados pelos mesmos para trabalhar questões de relacionamento com outros jovens. Na reunião preparatória com a equipe, enfatizamos que não eram os alunos que deveriam se adaptar às dinâmicas propostas nas oficinas, mas as dinâmicas deveriam contemplar a participação deles, respeitando suas particularidades, como aponta Mantoan (2019).

O acompanhamento da frequência foi realizado de forma sistemática. A cada aula, os alunos e responsáveis eram comunicados, no dia anterior, via grupo de *Whatsapp*. Quando ocorria alguma falta, buscávamos saber por qual motivo, sempre enfatizando que impactava no que era trabalhado nas oficinas e que existia uma carga horária a ser cumprida. Essa mobilização se deu desde as atividades das oficinas, até a montagem e desmontagem da exposição. Percebemos um cuidado na curadoria dos trabalhos a serem expostos, a qual foi feita por eles mesmos com as orientações do facilitador. Da confecção dos



painéis, organização de imagens, tudo foi coletivo. Os alunos se enxergavam na sua arte.

A culminância do curso se deu na cerimônia de encerramento no auditório do COMPAZ Dom Helder Câmara, com apresentações culturais e entrega dos certificados aos alunos e monitores. Também foram anunciados os dois alunos escolhidos pelos facilitadores para serem monitores remunerados da exposição. Estiveram presentes familiares, amigos e membros da comunidade. Foi um momento de celebração e reconhecimento dos trabalhos executados. A exposição seguiu aberta ao público por mais quinze dias.

CONSIDERAÇÕES

Todo processo desse projeto consistiu em uma experiência pedagógica enriquecedora e multiplicadora de saberes. Toda a vivência do processo, além do resultado material da exposição, gerador de orgulho e de auto-estima para estudantes e profissionais envolvidos, revelou a potência da imagem no processo da educação, ao exigir a convicção que a mudança é possível como indicava Paulo Freire (2009). Como educadores, percebemos o quanto o projeto transformou a percepção desses jovens para a construção de uma consciência cidadã através da arte.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). **O desafio das diferenças nas escolas**. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 5ª reimpressão, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.